

# POÉTICA DA VÁRZEA: DESENHO DE UMA CARTOGRAFIA URBANA

## *POETICS OF VÁRZEA: DESIGN OF AN URBAN CARTOGRAPHY*

Bruna de Lira Brayner Gomes Lelis<sup>1</sup>  
UNIBRA

Jessica Aline Tardivo<sup>2</sup>  
UNIBRA

Myllena Fernanda Jerônimo da Silva<sup>3</sup>  
UNIBRA

### RESUMO

Esta narrativa apresenta a proposta do projeto MemoriAR, o qual faz parte de uma pesquisa de iniciação científica que busca estudar e elaborar uma cartografia mnemônica do lugar. Desenvolvida por acadêmicos do campo da arquitetura e urbanismo, a prática observa de forma experimental a Várzea, bairro da Zona Oeste do Recife, que mescla entre sua arquitetura atual edificações da época de seu povoamento desde o período colonial português e a ocupação holandesa em Pernambuco. Como processo metodológico, partindo da deriva, os pesquisadores realizaram um trajeto fotográfico pelo local. Em seguida, foram introduzidas em um mapa mental suas apreensões sobre os registros visuais. Nas etapas futuras, os dados coletados serão compilados e analisados para a produção de uma estrutura poética que apresentará os contrastes e conexões entre a arquitetura do presente e a do passado, demonstrando, de forma sensível, como o bairro e suas diferentes manifestações reverberam em seus moradores. Os resultados iniciais demonstraram que ler, registrar e dialogar sobre a cidade por meio de recortes visuais pode ressignificar a percepção dos observadores trazendo à tona detalhes invisíveis do lugar.

**Palavras-chave:** Cartografias; Memória; Arquitetura; Fotografia; Cidade.

### ABSTRACT

This narrative presents the proposal of the MemoriAR project, which is part of a scientific initiation research that seeks to study and elaborate a mnemonic cartography of the place. Developed by academics in the field of architecture and urbanism, the practice experimentally observes Várzea, a neighborhood in the West Zone of Recife that mixes between its current architecture buildings from the time of its settlement since the Portuguese colonial period and the Dutch occupation in Pernambuco. As a methodological process, starting from the drift, the

<sup>1</sup>Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Centro Universitário Brasileiro (UNIBRA), Recife, Pernambuco, Brasil.  
ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-3133-2468>; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3690365325492380> E-mail: [jelisbruna7@gmail.com](mailto:jelisbruna7@gmail.com)

<sup>2</sup>Doutora em Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo pelo Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (USP), Professora Doutora no Centro Universitário Brasileiro (UNIBRA), Recife, Pernambuco, Brasil.  
ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-5811-8544>; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2658993454212592>.  
E-mail: [jessica.aline@grupounibra.com](mailto:jessica.aline@grupounibra.com)

<sup>3</sup>Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Centro Universitário Brasileiro (UNIBRA), Recife, Pernambuco, Brasil.  
ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-4070-0613>; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9069610731269582>  
E-mail: [millyjeronimo@hotmail.com](mailto:millyjeronimo@hotmail.com)

researchers took a photographic route through the site, which was then introduced into a mental map of their apprehensions about the visual records. In future stages, the collected data will be compiled and analyzed to produce a poetic structure that will present the contrasts and connections between the architecture of the present and the past, demonstrating in a sensitive way how the neighborhood and its different manifestations reverberate in its residents. The initial results showed that reading, recording and dialoguing about the city through visual clippings can resignify the observers' perception, bringing to light invisible details of the place.

**Keywords:** Cartographies; Memory; Architecture; Photography; City.

## INTRODUÇÃO

Falamos em praticar a cartografia e não em aplicar a cartografia, pois não se trata de um método baseado em regras gerais que servem para casos particulares. A cartografia é um procedimento *ah hoc*, a ser construído caso a caso. Temos sempre, cartografias praticadas em domínios específicos. [...], notamos que a proposta de Deleuze e Guattari não é a de uma abordagem histórica ou longitudinal, e sim geográfica e transversal. (KASTRUP; BARROS, 2009, p. 54-55).

Conforme o pensamento das psicólogas Virgínia Kastrup e Regina Benevides de Barros (2009), compreende-se aqui que a cartografia vai além de algo datado e escrito, ela acompanha os movimentos e processos e permite compreender a importância da visibilidade, da enunciação, da força e da subjetivação na pesquisa. (ANDRADE; TARDIVO, 2022).

Baseando-se nesta compreensão, o projeto **MemoriAr** faz uso do processo cartográfico para reconhecer os aspectos culturais e sociais do bairro da Várzea, traduzidos especialmente por meio de registros da memória oral, para, em seguida, debruçar-se na elaboração de uma proposta de intervenção urbana. A intervenção urbana, neste caso, tem vistas especiais para áreas de interesse histórico, fazendo um recorte por um trecho específico do bairro, como mostra a figura 1.

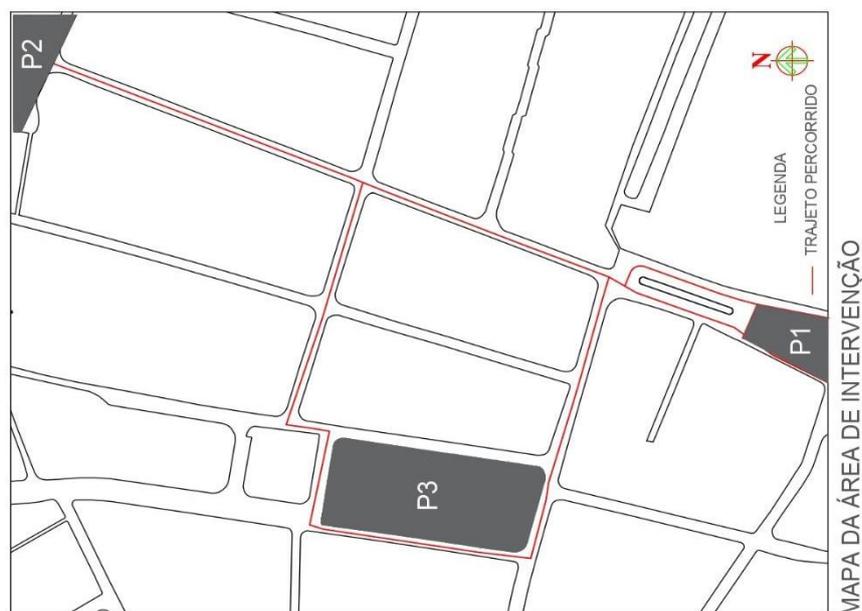


Figura 1. Recorte inicial do projeto. Fonte. Arquivo da pesquisa, 2022.

A Figura 1 apresenta o recorte inicial deste projeto, que está inserido entre a Igreja Imperial Matriz da Várzea (P1), o Educandário Magalhães Bastos (P2), ambos edifícios com estilo eclético, apresentando um bom estado de conservação, e o Casarão da Várzea (P3), inaugurado em 1905 para fins residenciais, transformando-se, no ano de 1944, no primeiro hospital odontológico da América Latina.

A edificação hoje encontra-se em estado de abandono e esquecimento público. As três edificações tramam uma parte do bairro tomada por movimentos culturais (como grafite, maracatu, roda de coco, capoeira, entre outros), comércio popular, feiras livres, ocupação de residências periféricas e residências de classe média, como ilustra o recorte da Figura 2.



Figura 2. Trecho do trajeto percorrido no bairro da Várzea. Fonte. Arquivo da pesquisa, 2022.

Essas diferentes camadas foram observadas no lugar durante as atividades de leitura e registros em campo realizados pelos pesquisadores, e levaram esta pesquisa a indagar sobre a possibilidade de desenhar uma proposta de intervenção para criar uma narrativa sobre a paisagem cultural (ANDRADE; TARDIVO, 2022).

A palavra cultura, em sua formação, derivada do latim, foi usada a partir do século XIII para referir-se ao ato de cultivar a terra. Com o passar dos séculos, seu uso tornou-se subjetivo, sendo usado para referenciar o cultivo de costumes, de artes, desejos e estilos. Este projeto refere-se à cultura para falar sobre o conjunto de conhecimento adquirido e a paisagem cultural como a mescla entre a imagem cidade construída e a imagem dada pelo modo vida.

Andando pelo bairro da Várzea, foi possível costurar uma teia de histórias e acervos culturais impressos nos depoimentos e na vida de cada morador, sobretudo nos manifestos e anseios dos grupos entrevistados, essa teia foi desenhando na percepção de cada observador a paisagem do lugar. Por isso, acredita-se aqui que a memória cultural é um “elemento importante para compreensão e para a construção e reconstrução das identidades dos grupos sociais” (SILVA JUNIOR; OLIVEIRA, 2018, p. 3), sobretudo olhar a memória facilita reconhecer e analisa a herança cultural de cada povo ou local.

A história da herança cultural é definida por uma sequência de rupturas: mudanças de crenças coletivas, modos de vida, reviravoltas tecnológicas, propagação de novos estilos de vida que substituíram estilos antigos. Cada ruptura remove certas classes de

artefatos de suas funções e as direcionam para o lixo, para o abandono e para o esquecimento (POMIAN, 1990, P. 62 *apud* SILVA JUNIOR; OLIVEIRA, 2018, p. 8).

Acredita-se aqui que, ao caminhar pela cidade, é possível observar e registrar como as ruas, as edificações e os eventos da rua desenham e ressignificam a identidade dos moradores, passantes e mesmo dos observadores que a cada passagem ampliam sua percepção. Foi nessa perspectiva que a pesquisa construiu uma abordagem de investigação que busca observar, vivenciar e registrar a imagem do espaço urbano (HATUKA, 2017).

## METODOLOGIA

Debruçando-se sobre a proposta cartográfica a pesquisa se configura em diferentes etapas de observações e registros do bairro, fazendo uso de recursos audiovisuais para captar registros fotográficos, desenhos e entrevistas, meios que possibilitam coletar dados diversos, em especial a memória oral da população.

Os pesquisadores implementaram esta abordagem caminhando pela rua entre a poesia que o bairro apresenta em seus muros e as vozes que ecoam de suas edificações. Nas primeiras passagens de observação, o trabalho foi conduzido pelo registro fotográfico, pelo qual pesquisadores que já conheciam o bairro e outros estrangeiros percorreram as ruas em busca de ampliar o olhar para os elementos arquitetônicos e para as marcas de invisibilidade, como espaços demolidos, recortes e mensagens em formato de arte deixados pelos lugares.

*Conhecer os lugares em uma primeira vez, às vezes, é um pouco desafiador, por não saber sobre muitas histórias daquele local. Mas o pouco que pude presenciar observei que várias partes do lugar têm um fato histórico muito rico e impactante. [...] (Trecho do depoimento da pesquisadora Myllena Fernanda Jerônimo da Silva, arquivo da pesquisa, 2022).*

*Eu vivo na Várzea há quase 8 anos [...] Registro [...] dois acontecimentos que me marcaram na nossa visita à Várzea, ou melhor, duas novas percepções que foram construídas a partir deste mergulho – ao mesmo tempo coletivo e íntimo [...] primeiro, pelo encantamento da descoberta, destaco os grafites que, embora bastante presentes nos muros do bairro, inclusive em trajetos que me são comuns e diários – nunca tinham sido apercebidos por mim. Essa manifestação gráfica tão urbana nunca fora notada pelos meus olhos de morador (Trecho do depoimento do pesquisador Adriano Dias de Andrade, arquivo da pesquisa, 2022).*

Durante essa primeira imersão os pesquisadores se conectaram ao bairro por meio do zoom fotográfico. Na perspectiva do fotógrafo brasileiro Boris Kossoy (2001), a lente da fotografia possibilita que cada observador se torne um “filtro cultural”, uma vez que, registra pequenos detalhes da cidade que passam despercebidos no todo. Mesmo para os passantes ou moradores registrar pela fotografia permite momentos de pausa e silêncio, no qual o retrato guarda mais que a imagem, uma vez que registra a experiência. Não é possível fotografar o cheiro, o som ou a temperatura, mas, para o observador, aquele registro será sempre carregado dessas outras memórias.

Toda fotografia representa em seu conteúdo uma interrupção do tempo e, portanto, da vida. O fragmento selecionado do real, a partir do instante em que foi registrado, permanecerá para sempre interrompido e isolado na bidimensão da superfície sensível (KOSSOY, 2012, p. 46).

A passagem do registro fotográfico está ilustrada aqui pela Figura 3, na qual os observadores registram um trecho do trajeto percorrido pelo bairro. Na imagem, é possível observar o antigo Casarão da Várzea, em estado de ruínas ao fundo, hoje apropriado por grafites e protestos. Em frente a ele, uma ocupação destinada para o comércio popular.



Figura 3. Atividade de registro fotográfico no bairro da Várzea. Fonte. Arquivo da pesquisa, 2022.

*Quando cheguei no local, fiz uma rota entre a parada de ônibus e a praça e logo me encantei pelos detalhes mínimos que possuíam em grades, pisos e paredes. Ao caminhar com a turma, procurei observar tudo para registrar por fotos toda beleza que eu enxerguei e senti. Em minha opinião, o bairro é inteiramente encantador, até onde parei para refletir nada me frustrou. Desde a presença do antigo até o novo, chegando às histórias, ao movimento cultural, seja ele positivo ou negativo (como o protesto contra edifício de gabarito alto), a maneira como os moradores e comerciantes se interligam e convivem. Tudo é de se apaixonar e ter uma percepção de como a vida real é, de como seres humanos reagem a determinadas situações impostas a eles. Cada detalhe foi percebido por mim e igualmente admirado (Trecho do depoimento da pesquisadora Bruna De Lira Brayner Gomes Lelis, arquivo da pesquisa 2022).*

Saindo do bairro, os pesquisadores elaboraram um mapa mental coletivo, demarcando sobre a planta impressa do trajeto percorrido elementos que ficaram latentes na memória. Esse momento, registrado pela Figura 4, foi um combustível para identificar o contexto do lugar, dividindo o território em três eixos de observação, a cultura, as demandas sociais e a afetividade da população.



Figura 4. Confeção do Mapa Mental. Fonte. Arquivo da pesquisa, 2022.

*A criação de mapas mentais faz parte da compreensão da cartografia, enquanto método investigativo, está intimamente ligada ao trabalho de campo, tendo em vista a sua natureza processual. Assim, a cartografia se aproxima da pesquisa de natureza etnográfica. “O objetivo da*

*cartografia é justamente desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente” (BARROS; KASTRUP, 2009, p. 57) Trecho do depoimento do pesquisador Adriano Dias de Andrade).*

Conforme o depoimento do pesquisador, o método da cartografia auxiliou a conectar as múltiplas imagens do lugar em sobre uma narrativa complexa, na qual está o olhar do observador sobre o ambiente e o olhar das pessoas observadas. Para formar esta narrativa, após a definição das categorias de análise, os pesquisadores voltaram a campo para coletar, em registros audiovisuais, a memória oral dos moradores. Esses residentes contaram suas histórias conectadas ao modo de vida do bairro, às manifestações artísticas, às atividades sociais e às relações entre as pessoas. Um dos registros da coleta de memória oral está ilustrado pela Figura 5 e Figura 6.



Figura 5. Entrevista com uma moradora do Bairro. Fonte. Arquivo da pesquisa, 2022.



Figura 6. Entrevista com uma moradora do Bairro. Fonte. Arquivo da pesquisa, 2022.

## ANÁLISES

Esse primeiro acervo de narrativas mnemônicas demonstrou que o bairro da Várzea se forma sobre uma trama de mapeamentos sobrepostos, que fala de música, de desenho, de gênero, de literatura e de saudade. Tal como segue na fala do morador Issac de Assunção:

[...] Então eu lembro que aqui na várzea, muito antes de eu entrar na universidade, eu vinha pra um gaymado que tinha aqui na Praça da Várzea e era muito interessante porque tinha uma articulação política muito interessante, né? Tinha um movimento de pessoas que já eram assim assumidas, que pensavam nessa articulação com outras pessoas que estavam nos seus processos identitários. E aí foi muito importante pra mim e eu me senti muito acolhido por esse grupo que naquela época era o gaymado, mas que hoje não está funcionando mais, mas que era muito interessante [...] (trecho do depoimento de Isaac Assunção, Arquivo da pesquisa, 2022).

É possível verificar, por meio da fala de Isaac, que as atividades sócio-culturais têm trazido reconhecimento e valorização humana em torno da diversidade de gênero. O jogo local possibilitou um debate social em torno da temática em prol do respeito e da própria aceitação de cada indivíduo. Nesse sentido, o bairro como patrimônio cultural:

[...] não apenas nos faz recordar o passado, mas [...] envolve questões [...] relacionadas à identidade e conseqüentemente a memória social do grupo que considera um determinado patrimônio como um bem que lhe pertence (SILVA JUNIOR; OLIVEIRA, 2018, p. 9).

Para a moradora Josicleide Guilhermino, o bairro tem muitas nuances, as quais fizeram com que a mesma, que havia chegado naquele território para estudar, devido à proximidade com a Universidade Federal de Pernambuco, escolhesse o lugar como lar:

*[...] Me apaixonei pelo fato de ter museus dentro do bairro [...] pela Praça da Várzea, onde ocorreram vários eventos culturais ao longo dos anos [...] eu passo pela Praça da Várzea, pra além das memórias construídas nos eventos culturais [...] (Trecho do depoimento de Josicleide Guilhermino, arquivo da pesquisa, 2022).*

A Praça da Várzea hoje é o principal lugar para a exposição de eventos no bairro, o que permite a construção de outras memórias e a formação de novos grupos culturais que fazem uso do espaço para se expressarem. No caminho, os pesquisadores cruzaram com Dona Maria Antonieta, mulher negra que nasceu no bairro e fundou, no ano de 2009, junto a um grupo de outras mulheres, o bloco lírico Flores do Capibaribe. A moradora se diz amante da cultura da Várzea desde criança:

*[...] Meu pai era uma pessoa que levava a gente desde pequenino pra assistir as festividades do bairro da Várzea. E caboclinho, cavalo marinho, bumba meu boi... essas coisas sempre foram vivência, pastoril, sempre foi uma vivência muito grande [...] (Trecho do depoimento de Maria Antonieta, arquivo da pesquisa, 2022).*

De acordo com o morador Daniel da Silva (2022), a Várzea “é um bairro com bastante movimento cultural. Sempre foi, desde sempre, um bairro com forte apelo cultural [...]”. Assim como o posicionamento de Daniel, averiguou-se que o lugar vibra sobre manifestos invisíveis que se apresentam nos grafites, no som e nos cheiros. Esses manifestos ora se fazem presentes e ora se escondem, por isso, em cada hora do dia e em cada dia da semana, a Várzea é um lugar diferente.

De acordo com o morador e artista plástico Leon Domingues (2022), “nessa região... acontece justamente uma fusão de vários tipos de grupos culturais e formatos artísticos... em torno de um espaço tão pequeno”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os trechos, aqui narrados, permitem compreender que a cultura é constituída de elementos tangíveis e simbólicos que no tempo que colaboram para a alteridade dos sujeitos

evocam também as marcas comunitárias do grupo, constituídos pela história e pelo tempo. Nesse aspecto, as memórias coletivas e as formas de comunicação local, dadas pelas palavras, pelas casas e ruas, fazem parte da manifestação cultural e se somam a valores partilhados e, tantas vezes, também tensionados. Na perspectiva da historiadora brasileira Sandra Pesavento (2008, p.3):

Estes espaços dotados de significado fazem, de cada cidade, um território urbano qualificado, a integrar esta comunidade simbólica de sentidos, a que se dá o nome de imaginário. Mais do que espaços, ou seja, extensão de superfície, eles são territórios, porque apropriados pelo social. Mas, sobretudo, são lugares, dotados de carga simbólica que os diferencia e identifica. E, se tais sentidos estão referidos no passado, fazendo evocar ações, personagens e tramas que se realizaram em um tempo já escoado, eles são lugares de memória, como aponta Pierre Nora<sup>1</sup>, ou ainda espaços que contém um tempo, como assinala Paul Ricoeur.

Por essa apreensão, a Várzea se mostrou como um lugar complexo, aqui a categorizamos como lugar afetivo, lugar cultural e lugar social. O *lugar afetivo*, se forma através da discursivização de moradores desse território ao falarem de suas histórias de vida e do lugar afetivo ocupado pelo bairro.

A Várzea como *lugar cultural* nasce na medida em que mescla histórias e acervos impressos nos manifestos, nos desenhos e nos desejos dos diferentes grupos que ocupam o espaço urbano. Por fim, a Várzea é mais que um *lugar social*, é um *território multidimensional* que possibilita diferentes usos e interações, sendo na contemporaneidade palco e ator nos diálogos e vivências da população.

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho apresenta um recorte do Projeto de Iniciação Científica “MemoriAR: uma cartografia urbana da Várzea”, aprovado e fomentado pelo Programa Institucional de Pesquisa e Extensão do Centro Universitário Brasileiro (Unibra), 2022.1. A equipe do projeto é composta pelos autores deste artigo Jessica Aline Tardivo (orientadora) e Bruna de Lira Brayner Gomes Lelis e Myllena Fernanda Jerônimo da Silva, além dos acadêmicos em Arquitetura e Urbanismo Adriano Dias de Andrade, Arcelon Alves Freire Neto e Suellen Keyla Silva Soares a quem junto aos moradores do bairro da Várzea agradecemos pelas indispensáveis colaborações para esta pesquisa.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Adriano Dias de; TARDIVO, Jessica Aline. Travessias urbanas: uma cartografia sensível do lugar. *Sillogés*, v. 5, n. 1, p. 88-113, jan./jul. 2022.

HATUKA, Tali. A obsessão com a memória: O que faz conosco e com as nossas cidades *In: CYMBALISTA, Renato; FELDMAN, Sarah e KUHL, Beatriz. Org(s). Patrimônio cultural: memória e intervenções urbanas. São Paulo: Anablume/Núcleo de Apoio à Pesquisa, 2017. p. 47-60.*

KASTRUP, Virgínia; BENEVIDES DE BARROS, Regina. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. *In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.*

KOSSOY, Boris. *Fotografia & História. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2012.*

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História, Memória e Centralidade Urbana. *In: Moisaco, Goiás, v. 1, n. 1, p. 3-12, jan./jun. 2008.*

RECIFE. **Plano Diretor**. Disponível em: <https://planodiretor.recife.pe.gov.br/>. Acesso em: 25 abr. 2022.

SILVA, Antônio W. Fernandes da. Salve o Casarão da Várzea. **Minha Cidade**, Recife, ano 17, jan. 2017. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/17.198/6389>. Acesso em: 28 maio 2022.

SILVA JUNIOR, Josemar Elias da; TAVARES, Ana Lúcia de Oliveira. Patrimônio Cultural, Identidade e Memória Social: suas interfaces com a sociedade. *Ciência Da Informação em Revista*, Maceió, v. 5, n. 1 p. 3-10, jan./abr. 2018.

WENDERS, Wim. A Paisagem Urbana. **Revista do Patrimônio Histórico**, Rio de Janeiro, IPHAN, n. 23, 1994.

*Submetido em:* junho de 2022.

*Aprovado em:* agosto de 2022.

*Publicado em:* outubro de 2022.